

TRANSUMANISMO E BIOPODER: O CORPO INVESTIDO PELA TÉCNICA E O SURGIMENTO DE IDENTIDADES PÓS-HUMANAS¹

Fernanda Serrer²

¹ Trabalho desenvolvido no Projeto de Pesquisa “PÓS-HUMANISMO E DIREITOS HUMANOS contribuições para pensar a crítica pós-humanista frente aos avanços da tecnologia e as complexidades humanas”, UNIJUÍ, RS, 2021/2023.

² Professora do Curso de Graduação em Direito da Unijuí. Coordenadora dos Cursos de Graduação em Direito da Unijuí, Campus Santa Rosa e Campus Três Passos; Mestre e pesquisadora.

RESUMO

Com o objetivo de estudar os (des)limites da capacidade imagética humana sobre as transformações da carne, em especial diante dos avanços biotecnológicos oriundos do casamento entre ciência e técnica, o estudo aqui proposto parte do desafio de verificar as implicações dos movimentos transumano e pós-humano sobre o culto ao corpo idealizado até o extremo da versão de corpos digitalizados. A pesquisa foi desenvolvida a partir da seleção de bibliografias e documentos pertinentes ao assunto, permitindo estabelecer um referencial teórico coerente a fim de atingir o objetivo proposto, qual seja, investigar quais dispositivos de poder estão por detrás da confecção destes corpos, bem como quais são os horizontes de sentido para pensar identidades pós-humanas em meio às redes espaço-temporais complexas da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Corpo, biopoder, pós-humanismo.

ABSTRACT

With the aim of studying the (dis)limits of human imagery capacity on the transformations of the flesh, especially in the face of biotechnological advances arising from the marriage between science and technique, the study proposed here starts from the challenge of verifying the implications of the transhuman and post-human movements. -human on the cult of the idealized body to the extreme version of digitized bodies. The research was developed from the selection of bibliographies and documents pertinent to the subject, allowing to establish a coherent theoretical reference in order to reach the proposed objective, that is, to investigate which devices of power are behind the making of these bodies, as well as what are the horizons of possibility for thinking about post-human identities in the midst of the complex space-time networks of contemporary society.

Keywords: Body, biopower, posthumanism.

INTRODUÇÃO

Pigmaleão via nos corpos femininos a chave da devassidão e da lascívia, derivada dos muitos “vícios” que a natureza concedeu às mulheres. Depois de anos de vida celibatária, esculpiu, em marfim, uma figura de uma beleza incomparável. Uma mulher, uma verdadeira donzela, que por tudo se acreditaria viva, senão fosse o pudor a lhe impedir. Passou a admirá-la, a cobrir-lhe de mimos e de carícias, buscando, com frequência, sentir se era de carne ou de pedra. Então, chegado o dia da festa de Vênus, celebrada por toda a população de Chipre, Pigmaleão suplicou aos deuses que a donzela de marfim se tornasse sua esposa. Vênus, que estava presente na festa, entendeu e aquiesceu a súplica. Ao chegar em casa, o artista que se tornara amante, tomado de espanto, ansiedade e alegria tocou novamente o cobiçado objeto e deu-se conta de que era um corpo humano, pois as veias latejavam sob o polegar.

O mito ovidiano de Pigmaleão, que integra um dos duzentos mitos gregos e romanos reunidos em *As Metamorfoses* de Ovídio (2021), revela todo o esforço da criação de um exemplar feminino perfeito, em que o protagonista é um criador que dá forma a sua criatura, com minúcia e talentos únicos, conferindo ao produto de sua obra a beleza, a pureza e a dignidade, as quais antes mesmo da intervenção dos deuses, fazem da estátua o objeto de amor, de festejo, de adorno e de desejo de seu criador. A história relatada na forma de mito, igualmente confirma a referência do corpo como objeto a ser moldado, esquadrihado em detalhes esteticamente harmônicos para o encantamento e satisfação do olhar e desvela em suas entrelinhas dilemas contemporâneos ligados aos (des)limites da capacidade imagética humana sobre as transformações da carne, em especial diante das promessas biotecnológicas acalentadas no seio dos avanços da biogenética, nanotecnologia e biomedicina.

Por detrás do progresso científico que já conduziu a humanidade à leitura genética do código humano e que anuncia o sem fim de possibilidades de aperfeiçoamento genético, prolongamento da vida, clonagem humana, mapeamento das origens biológicas e controle farmacológico das emoções e comportamentos, está uma agenda identitária transumanista e pós-humanista que se define na síntese entre homens e máquinas, ou seja, no acoplamento entre o corpo humano e artefatos e dispositivos tecnológicos – próteses, cirurgias estéticas, aplicação de biohackeadores – os quais anunciam o corpo como um objeto a ser modificado genética, química e roboticamente e, portanto, rejuvenescido, estetizado, recondicionado e, em última instância, até mesmo substituído.

A disseminação da mensagem de precariedade e imperfeição da carne, povoa o imaginário cultural e lança o corpo real no abismo do descrédito. Ao mesmo tempo, serve de fundamento para que setores da economia invistam elevadas cifras na comercialização do acesso ao corpo idealizado, desvalorizando singularidades e potencialidades dos sujeitos, em nome de um padrão de corpo modelado e remediado por meio da intervenção de técnicas de gestão e controle, dotadas do poder de plastificar imagetivamente o corpo e capazes de contribuir para, em meio ao esfacelamento dos vínculos tradicionais de sociabilidade, reduzi-lo ao único e possível território de expressão do “eu”.

Muito além da entrega acintosa a um discurso sedutor da posse de um corpo cosmetizado e redimensionado cirúrgica e medicamentosamente, o Pigmaleão da era digital é um convite para vivências sensoriais em corpos digitais, dotados da pureza, da leveza, da assepsia e da imortalidade, atributos indispensáveis à vida na dimensão espaço-temporal em que narrativas distópicas de simbiose ou mesmo de ruptura das fronteiras entre humano/não-humano, real/ficção, carne/máquina possam ser factíveis.

Nesse sentido, o estudo aqui proposto assume o desafio de verificar as implicações dos movimentos transumano e pós-humano, em suas mais diferentes acepções, sobre o culto ao corpo idealizado até o extremo da versão de corpos digitalizados, investigando quais dispositivos de poder estão por detrás da confecção de corpos em meio às redes espaço-temporais complexas da sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa, será utilizado como método de abordagem o dedutivo, no qual se pretende partir da abordagem de categorias consideradas fundamentais para o desenvolvimento do tema – tais como corpo, biopoder, pós-humanismo – para então enfrentar o problema propriamente dito. Como método de procedimento utilizar-se-á o crítico-reflexivo, capaz de demonstrar como as implicações da técnica sobre o corpo e o despontar dos delírios transumanos de vivências pós-biológicas desperta possíveis leituras sobre o controle político do corpo, refletindo um dos pilares dos anseios transumanistas. Aplicar-se-á como técnica a pesquisa bibliográfica baseada em documentação indireta que servirá de base teórica para o desenvolvimento do estudo. Por outro lado, mediante a pesquisa bibliográfica,



identificar-se-ão as fontes consultadas, quais sejam: livros, revistas, periódicos, artigos e publicações avulsas pertinentes ao tema, que possibilitem construir uma solução para os problemas propostos.

O CORPO INVESTIDO PELA TÉCNICA: BIPODER E BIOPOLÍTICA COMO CHAVES DE LEITURA DO PENSAMENTO TRANSHUMANISTA

Para discutir as implicações da técnica sobre o corpo e o despontar dos delírios transumanos de vivências pós-biológicas, difundidas pelas promessas tecnocientíficas, será utilizado como marco teórico o pensamento foucaultiano, na medida em que a leitura do autor sobre o controle político do corpo, uma técnica de biopoder associada com a tecnologia regulamentadora da vida, pode ser tomado como um dos pilares dos anseios transumanistas.

Com Foucault (1983) o corpo para além de um invólucro físico e concreto, prescrito pela biologia como lugar dos processos fisiológicos e metabólicos e alvo de ataques de microrganismos ou de vírus, está também mergulhado num campo político em que as relações de poder têm alcance imediato, pois “o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (Foucault, 1983, p. 28).

O investimento político sobre o corpo, que o traduz muito além da ciência de seu funcionamento, o presentifica em meio a uma rede complexa, difusa, estruturada em discursos descontínuos e não sistemáticos e entremeada por relações de poder e de dominação impossíveis de serem localizadas em instituições e aparelhos do Estado, mas capazes de docilizá-lo para que possa ser utilizado, transformado e aperfeiçoado. Forma-se então

uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política” que é também uma “mecânica do poder” (Foucault, 1983, p. 127).

Sob um viés utilitarista, o corpo envolvido na maquinaria do poder só ganha sentido na medida de sua produtividade e de sua submissão. Como destaca Mendes (2006, p. 171) “com base em tecnologias disciplinares, constrói-se uma ‘anatomia política’ para melhor competência do corpo, diretamente ligado a maior enquadramento”. O corpo, portanto, precisa cumprir seu

papel “para isso está atrelado a formas de atuação, a mecanismos de controle, a formas ‘econômicas’ de usá-lo e pensá-lo.” (Mendes, 2006, p. 172).

Ao se debruçar sobre as modificações radicais operadas entre os séculos XVII e XVIII pela substituição de um poder soberano por um poder disciplinar sobre os corpos, Foucault deixa claro que a disciplina vem tornar os corpos mais eficientes e ao mesmo tempo mais dóceis, na medida em que a lógica política da disciplina tanto desenvolve formas de aperfeiçoamento das forças corporais, para torná-las mais econômicas, como visa diminuí-las, toda a vez que puderem representar formas de transgressão à disciplina. Em outros termos “a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (Foucault, 1983, p. 127).

Ademais, a característica mais marcante do pensamento foucaultiano acerca da genealogia do poder é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. O poder está em toda a parte, não porque absorve tudo, mas por que “provém de todos os lados [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 2005, p. 89). O poder sob as lentes de Foucault funciona como uma rede de dispositivos e mecanismos em relação a qual nada e ninguém escapa, pois não existe exterior possível, nem limites, nem fronteiras. É um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipulando seus elementos, produzindo seus comportamentos, enfim fabricando o tipo de homem necessário a manutenção do estado das coisas na sociedade.

À ação sobre o corpo, seu adestramento, regulamentação de seus comportamentos, normatização do prazer e desvelamento enquanto discurso com vistas a separar, ordenar, distribuir e hierarquizar irá se somar uma nova tecnologia de poder, que não exclui a técnica disciplinar, mas que com ela se embute, se integra, a ponto de modificá-la parcialmente, implantando-se de certo modo nela.

Esta nova técnica, que está amplamente vinculada com os anseios transumanistas, não mais se dirige ao corpo, a vida dos homens, mas ao homem vivo, “à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas [como] uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida” (Foucault, 2010, p. 204) como o nascimento, a morte, as doenças, de tal maneira que atinjam estados globais de equilíbrio e de estabilidade,

capazes de regulamentar os processos biológicos do homem enquanto espécie. Para esta nova tecnologia de poder Foucault (2010, p. 208) dá o nome de biopolítica, segundo a qual, o poder

é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências.

A partir daí pode-se entender o enlace entre a teoria biológica do século XIX e o discursos do poder teorizados no pensamento de Foucault. É neste movimento que surgem propostas que apostam no melhoramento humano, esticando, química e medicamentosamente seus limites biológicos e expugnado para fora da curva de ascensão, todos aqueles corpos dissonantes do projeto desenvolvimentista da modernidade.

Percebe-se, portanto, no limiar do século XIX um processo por meio do qual o homem passa a ser visto como espécie biológica, necessitando de cuidados e susceptível a melhoramentos, algo que Foucault (1996) chama de “biopolítica da espécie humana”. O biopoder, nesse sentido, é um poder exercido sobre o homem enquanto espécie, como parte integrante da vida. Uma força, uma tecnologia centrada na vida, que enlaça todos os indivíduos, os que exercem e os que se submetem ao poder, controlando e regulando, desde a saúde, a higiene até os valores morais e religiosos. O corpo humano assume então a condição de

instancia de ejercicio del poder [...] foco imediato de la fuerza productiva y normalizadora del biopoder, puesto que es a partir de éste que la vida se incluye em los cálculos explícitos del poder-saber para ingresar nuevos elementos y gestar nuevas prácticas y nuevos regímenes de dominación que permitan maximizar y economizar el funcionamiento del poder. (Díaz, 2010, p. 02)

Este novo regime de poder investe pesados esforços nas condicionantes que fazem a vida proliferar, não apenas para geri-la, mas sobretudo para transformá-la, fazendo-a ingressar no domínio da fabricação e do cálculo de sua materialidade, ultrapassando, inclusive, os limites antes impostos pela soberania humana sobre a gestão de suas próprias circunstâncias.

O poder, na conjuntura complexa da sociedade contemporânea, deixa de ser exercido verticalmente e se projeta em uma rede horizontal avançando, para além do controle externo dos corpos, na direção do mapeamento e monitoramento dos pensamentos, dos desejos, dos projetos de vida e das representações e modos de ser no mundo. Como prova deste movimento

cada vez mais abrangente do poder, estão os avanços da biotecnologia, com experimentos cientificamente bem sucedidos de alteração das espécies vivas, bem como a intrincada malha informacional e comunicacional que caracteriza as trocas interpessoais da atualidade.

Soma-se a este movimento de hiperconectividade e projeção alargada das fronteiras biológicas pela via da tecnociência, um processo de esfacelamento dos vínculos tradicionais de sociabilidade – família, escola, trabalho – acompanhado de um gradativo enfraquecimento, ou mesmo descrédito coletivo, em relação à ação política, premissas que elevam o corpo, a singularidade e a projeção de sua imagem ao patamar de único e possível território de expressão do “eu”. Seja diante das lentes foucaultianas ou mediante a espetacularização da vida nas redes de comunicação digital, o corpo assume uma importância central na construção da identidade do sujeito e se ressignifica como alvo de novas formas de poder e controle social, na medida em que não é mais objeto de exploração de sua força produtiva – corpo proletário- mas campo para a expansão e realização de uma sociedade de consumo.

O corpo comoditizado da sociedade contemporânea precisa cada vez mais ser educado, moldado, estetizado para atender às expectativas de padrões internacionais de beleza magra, constituindo-se como passaporte do sucesso em uma sociedade que vê nos corpos esbeltos, jovens e bronzeados a garantia para uma melhor performance na vida cotidiana. Nesse sentido, satiriza Foucault (2004), ao falar do contradiscurso à exploração da erotização pelo mercado de consumo: “fique nu...mas seja magro, bonito, bronzeado!” Desse modo,

A indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos por suas relações com a linguagem, com a ideologia e com o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais. (Pereira, 2016, p. 103).

O Pigmaleão digital existe e mora nas representações midiáticas, pulverizadas nas redes de comunicação digital, impondo com veemência a sua linguagem unificadora de culto a um corpo perfeito, o qual, insiste-se, só é conquistado mediante muito esforço e cuidado de si, além de uma boa parcela de investimentos em cirurgias remodeladoras, cosméticos, programas de exercícios e dietas fitness. Por sua vez, a Galatéria da era digital é, nas palavras de Jacob (2014, p. 90) “bonita, inteligente, divertida, engraçada, mãe amorosa e amante voraz” [...] “existe na tevê, nas revistas, nos jornais e, hoje, especialmente existe e se alimenta das redes digitais”.



Como inscrição da cultura, o corpo na nova conjuntura organizacional e digital, se revela se reinventa a partir de tudo aquilo que o circunda, desde aspectos simbólicos, até serviços e produtos que interagem com as suas funcionalidades. Como destaca Rodotà (2004) na nova era da tecnologia informacional o corpo enquanto identidade corresponde a um sem fim de janelas abertas na tela de um computador e transforma-se, primeiro de corpo físico em “corpo “eletrônico” e, mais recentemente, no ciberespaço, ganha liberdade, rompendo com os estreitos e incômodos laços materiais para assumir a condição de “corpo terminal”.

Enquanto fontes de informação, os corpos digitalizados, assumem a status de verdadeiros data mining de onde se podem extrair dados. O corpo toma a forma de uma senha, passaporte para o acesso de informações que lidas pelas potentes lentes digitais descrevem, classificam e traçam perfis identitários atrativos para a sociedade de consumo e vigilância que se instala nas conexões biotecnológicas (Rodotà, 2004).

Para além da vigilância em nível de pensamentos, desejos, projetos, acionada pela chave “corpo-terminal”, o corpo ligado aos seus smartphones, verdadeiras coleiras eletrônicas que o mapeiam, experimenta transformações que promovem mudanças na própria antropologia das pessoas. Diz o autor:

Estamos diante de progressivos resvalos: da pessoa “perscrutada”, através de câmeras de vídeo e de técnicas biométricas, pode passar-se à pessoa “modificada” mediante a inserção de chips e de etiquetas “inteligentes”, em um contexto que cada vez mais claramente nos individualiza como networked persons, pessoas permanentemente em rede, configuradas de modo a emitir e receber pulsos que permitem esquadrinhar e reconstruir movimentos, hábitos, contatos, alterando sentido e conteúdo da autonomia das pessoas (Rodotà, 2004, p. 95)

Esta reformulação antropoplástica, recoloca no palco o debate acerca dos (des)limites da capacidade imagética humana sobre as transformações da carne, bem como faz urgente a compreensão do surgimento de novas subjetividades devedoras de agendas identitárias transumanistas e pós-humanistas que contemporaneamente protagonizam o ciberespaço que a humanidade já concebeu.



PENSAMENTO TRANSHUMANISTA: DISCURSO E PODER À SERVIÇO DE UMA NOVA GÊNESE HUMANA

Como instrumentos disponíveis à nova gênese humana, as inovações científicas e tecnológicas acalantam em seu ventre um ser híbrido entre organismo e máquina. Mediado por interesses econômicos e de mercado, o corpo transforma-se em um objeto que pode ser rejuvenescido, estetizado, recondicionado e, em última instância, substituído. A possibilidade da transcendência humana é acionada pela chave da tecnociência. Próteses cerebrais, alterações genéticas, nanotecnologia, regeneração de tecidos, abrem o portal da imaginação e da virtualidade e condenam o corpo a responsabilidade pelos limites das potencialidades humanas, colocando sob suspeita a certeza da transitoriedade e da finitude.

A derivação do humano das engrenagens do empreendedorismo e dos promissores avanços tecnológicos, faz surgir e consolidar-se um movimento transumanista que promete, ainda no século em curso, que a inteligência artificial, a nanotecnologia e a engenharia genética sejam capazes de cumprir com a utopia da transcendência dos limites do corpo, em uma expansão que irá além da perspectiva da passagem cronológica do tempo, rompendo a barreira da própria corporeidade. “Nossos corpos e cérebro serão envolvidos e se fundirão com o poderio computacional” (More apud Rüdiger, 2007, p. 03) ou, converteremos o conteúdo de nossas mentes, nossos desejos, nossas lembranças e os traços de nossas personalidades em dados para descarregá-los em outros corpos, mais jovens e melhores, ou “simplesmente viver como padrões de informação existentes nas redes de computadores, como se fossem fantasmas de um vasto maquinismo (Elliott apud Rüdiger, 2007, p. 10).

Para os transumanistas o melhoramento humano, na linha de um processo evolucionista contínuo e implacável, constitui-se em uma noção crucial acionada pelo casamento entre ciência e tecnologia (Ferrando, 2019). Em razão disso “reclamam para a sua herança histórica toda uma tradição racionalista e emancipatória que vem desde o renascimento e que prosseguiu com o iluminismo” (Maia, 2017, p. 63). Com os pés fincados na concepção do humano como ser autônomo, dotado de inerentes liberdades individuais e capitaneado senão por sua razão, projetam o olhar sobre um corpo humano que não consegue fugir das tiranias ou “delícias” de estar em auto-upgrade cotidiano (Sibilia, 2002).

Deste modo, orientados por uma tradição fáustica do pensamento ocidental sobre a técnica, os transumanistas dividem-se entre correntes mais conciliadoras e correntes mais

radicais. Dentre os mais efusivos em relação aos benefícios do consórcio ciência e técnica estão os extropianistas capitaneados por Max More, presidente da empresa americana de criogenia Al Core, a qual deposita sua fé inquestionável “no progresso perpétuo em sociedade aberta e no uso de tecnologias inteligentes” (Maia, 2017, p. 63). Contrapondo-se em suas origens ao conceito tradicional da física, entropia, o movimento científico e filosófico denominado movimento extropiano está sustentado em princípios como a expansão sem limites da vida, do corpo e da consciência, utilizando ciência e tecnologia para superar os limites impostos pela condição biológica. Como destaca More (2002) na Declaração Transhumanista de 1988, publicada junto com o lançamento do número 1 da Revista Extropy, os extropianos buscam “uma duração indefinida da vida, além da supressão dos limites políticos, culturais, biológicos e psicológicos para a auto renovação e auto realização”.

Portanto, os esforços transumanistas ao apresentarem seus propalados avanços distópicos de forma genérica e adequada a todos, deixam no vácuo a urgente reflexão dos limites éticos, econômicos, culturais acerca de suas práticas. Ademais, o euforismo causado pelas conquistas biotecnológicas não deve colocar no esquecimento o fato de que são elas herdeiras e devedoras de uma fundamentação antropológico-filosófica racionalista que além de ter sido responsável por colocar o homem em uma escala hierárquica superior a todas as demais formas de vida, tendo forjado o próprio “reino humano” com pensamentos e ações sexistas, racistas, classistas e homofóbicas, justificando cientificamente a escravidão, o colonialismo e os abusos e violências de raça e gênero, ainda lamentavelmente presentes na sociedade e na biopolítica contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar acerca do par humano/pós-humano nos remete a questão fundamental da condição humana. Afinal, o que somos ou o que nos torna humanos? Milhares de linhas já foram escritas sobre o tema, passando por contribuições da filosofia, da ciência, da religião, por reflexões a partir do cosmos ou pela busca da compreensão das cavernas mais profundas do nosso inconsciente.

Marcado de modo indelével pela complexidade, já sabemos, que o humano, não se define de modo apriorístico, nem comporta uma explicação metafísica, caminha em sua

trajetória constitutiva entre razão e emoção, entre paixões e desejos de vingança, e é capaz de imaginar e concretizar complexos modelos de organização política, social, econômica, compartilhando a vida e suas potencialidades por meio do diálogo e do consenso, da mesma forma que é capaz de submeter seus semelhantes à atrocidades inenarráveis em nome de práticas totalitárias e extremistas.

À hibridez e a complexidade da condição humana somam-se, atualmente, as inúmeras possibilidades de aprimoramento e melhoramento humano, promessas, já em parte cumpridas, pela combinação entre homem e máquina e que se traduzem em correntes de pensamento pós-humanista. Ao homem contemporâneo já não resta dúvida de sua conexão e inseparabilidade de todos os produtos de sua capacidade científica, desde os utensílios domésticos, passando pela comodidade oferecida em seus lares, diversos meios de transporte e hoje pela possibilidade de libertar-se das amarras do próprio corpo, projetando-se como informação em meio aos avanços das tecnologias digitais.

Na vida tecnodirigida da sociedade pós-humana, humanos não passarão de componentes de um sistema, com mobilidade limitada por operações probabilísticas. Como componentes de um sistema, humanos, máquina e animais reservarão seus assentos diante do palco da vida, com base na maior ou menor capacidade de processar sinais por meio de linguagens comuns.

O ciborgue não é, portanto, o sujeito, o resultado da biopolítica foucaultina, mas o próprio simulacro da política, um tipo de ser, individual ou coletivo, da pós-modernidade que se reinventa em um processo interminável de montagem e de desmontagem, uma criatura tecnohumana, que como a Galatéria de Pigmaleão simula o humano, pois em tudo como ele se parece, mas cujas ações e comportamentos não se reportam a nenhuma interioridade, a nenhuma racionalidade, a nenhuma essencialidade.

Assim, diante da impossibilidade de retrocessos no processo de avanço da ciência e do reconhecimento de seus benefícios e de suas possíveis insuficiências, agravadas pelos encontros e desencontros complexos que constituem o humano, o debate pós-humanista suscita pensar que tipo de pós-humanidade seremos capazes de criar, na medida em que o milagre tecnológico e a artificialização da vida não devem conduzir a humanidade para uma outra forma de moralidade que nos obrigue a trágicas escolhas ligadas a relativização ou flexibilização de valores humanos essenciais, como a vida, a liberdade e a dignidade,



Assim, sem fatalismos, nem visões apocalípticas e autodestrutivas, a era pós-humana é um convite para a promoção de encontros subjetivos, expandindo o foco em termos pós-dualistas, pós-hierárquicos, pós-gênero, permitindo que se vislumbrem futuros pós-humanos que alongarão radicalmente os limites da imaginação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DÍAZ, Santiago. La Genopolítica: poder, política y vida desde Michael Foucault. A Parte Rei. Revista de Filosofia. N. 72, nove. 2010, p. 01-09.

FERRANDO, Francesca. Pós-Humanismo, Transumanismo, AntiHumanismo, Meta-Humanismo e novos materialismos. Trad. Murilo Karasinski, Revista de Filosofia Aurora, Curitiba, v. 31, n. 54, set./dez. 2019, p. 958-971.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. Genealogia del racismo. Buenos Aires: Altamira, 1996.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. 20. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

JACOB, Helena. Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social instagram. Revista Comunicare. Dossiê Feminista. V. 14. N. 1, set, 2014, p. 89-105.

MAIA, João Jerônimo Machadinha. Humano, Pós-humano e transumano: fronteiras dúbias e indefinidas num mundo desigual. Revista de História das Ideias, Vol. 35, 2ª Série, 2017, p. 47/70.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.

MORE, Max. The Extropy Principles 3.0 – A Transhumanist Declaration, 2002,
Url:<http://www.extropy.org/ideas/principles.html>. Acessado em nov, 2020.

OVÍDIO. As Metamorfoses. Editora Digital LeBook do Brasil, 2021.

PEREIRA, Tânia. O biopoder sobre o corpo nas capas de revista Veja. In: Práticas Discursivas contemporâneas -I: corpo, memória e subjetividade. 2.ed. Paraíba: Marca da Fantasia, 2016, p. 91-112.

RODOTÀ, Stefano. Transformações do corpo. Trad. Maria Celina Bodin de Moraes. Revista Trimestral de Direito Civil. Vol. 19. Jul/Set, 2004, p. 91-107.

RÜDIGER, F.. Biopolítica e cibercultura. In: Compós, 2007, Curitiba. Anais do Encontro nacional dos programas de pós-graduação em comunicação. Curitiba: Universidade Tuiuti. v. 11. p. 1-15.

SIBILIA, Paula. O Homem Pós-orgânico. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.